

Ana Raquel Matos Socióloga

“Há casos em que uma petição não é mais do que uma catarse”



Textos **MICAEL PEREIRA**
Fotos **RUI DUARTE SILVA**

Há a “democracia de baixa intensidade”, em que as pessoas se limitam a votar nas eleições. E há a “democracia de alta intensidade”, à qual Ana Raquel Matos dedicou uma tese de doutoramento, defendida em dezembro e onde aborda outras formas de os cidadãos participarem na vida política. Investigadora no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, a socióloga, 39 anos, acredita que o grande aumento de petições *online* é um reflexo das circunstâncias atuais. E que muitas vezes funcionam como uma catarse.

■ Uma petição contra José Sócrates como comentador na RTP teve 80 mil subscritores logo no primeiro dia. Acha que vai ter algum efeito prático?

■ Esse episódio faz-nos pensar numa certa falta de maturidade da nossa democracia e no défice de impregnação social dos seus valores. Mais importante do que estar contra o regresso de José Sócrates enquanto comentador

seria exigir o pluralismo no debate público. Uma reivindicação para alargar aos cidadãos e cidadãs o debate que costuma ficar reservado a figuras políticas que estão ou já estiveram no ativo.

■ Desde o início do Governo de Passos Coelho, foram entregues 247 petições no Parlamento. Estes números impressionam-na?

■ Não me impressionam de todo. Em Portugal são escassos os espaços institucionalizados e regulares de participação cidadã na política e nos processos de decisão. É legítimo e expectável que nas circunstâncias políticas, económicas e sociais em que vivemos as pessoas utilizem os recursos que têm ao dispor para participar e tentar condicionar a ação do Governo.

■ Doze das 54 petições que foram a debate no plenário da Assembleia da República nos últimos dois anos eram sobre saúde. Contra o fecho de hospitais ou o aumento da taxa moderadora. Que eficácia tiveram?

■ Temos tido em Portugal governos autoritários que ignoram o direito de participação dos ci-

dadãos. Por outro lado, temos também assistido a uma retração dos direitos conquistados. A saúde é um exemplo crítico.

■ Mas vale a pena insistir com o Parlamento?

■ Vale. Numa primeira avaliação, quando falamos da eficácia destas ações, tendemos a pensar em números. Fazemos depender o sucesso de uma petição do número de subscritores, quando há outras considerações a ter em conta. Uma petição obriga-nos, enquanto cidadãos, a refletir e a tomar uma posição em relação a um assunto, sensibiliza a opinião pública e estimula o pensamento crítico, que é imprescindível para o aprofundamento da democracia. Além disso, estas ações têm a capacidade de colocar um determinado assunto na agenda política.

■ Há petições sobre tudo na internet. A petição contra o abate de um cão pitbull que matou um bebé tem mais de 75 mil assinaturas. Há outra para tirar Hélder Postiga da seleção de futebol. E outra para que uma música passe em horário nobre. O

MAIORES PETIÇÕES

A maior petição que chegou ao Parlamento nos últimos 20 anos foi entregue, em novembro de 2012, pela Associação Portuguesa de Estudantes de Farmácia. Tem 325 mil subscritores, defende um melhor acesso aos medicamentos e ainda não foi discutida em plenário. Desde 1991 foram entregues 1739 petições na AR. Só 11 tiveram mais de 100 mil assinaturas. Na internet, a petição contra Sócrates como comentador da RTP estava na última quarta-feira com 133 mil subscritores, à frente da petição pela redução de deputados (com 88 mil).

que significa esta banalização?

■ Não vejo isso como uma banalização, mas como um direito. As novas tecnologias vieram revolucionar as possibilidades de mobilização e de organização de ações coletivas. Não devemos menosprezar o facto de as pessoas sentirem cada vez mais necessidade de participarem nas decisões. Há situações em que assinar uma petição não é mais do que um desabafo, uma catarse. Noutros casos, é uma tentativa de alterar o rumo das coisas.

■ O que é que pode ter mais impacto: uma manifestação ou uma petição?

■ Não são comparáveis, até porque complementam-se. Além disso, muitas ações de protesto não têm um efeito imediato, mas condicionam a orientação do voto nas eleições seguintes e fazem cair governos.

■ Tem vontade de lançar uma petição neste momento?

■ Não, porque estão a decorrer várias que eu subscrevi. A última foi em defesa do salário mínimo nacional.

mnpereira@expresso.imprensa.pt